

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

INFLUÊNCIAS BÍBLICAS EM CAMÕES.

LIMA, Sebastião da Rocha

Ano: 1948 | Número: 58

Como citar este documento:

LIMA, Sebastião da Rocha, Influências Bíblicas em Camões. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 306-313.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Influências bíblicas em Camões

I — Na Lírica

O século XVI, que nos deu a figura gigantesca de Luís de Camões, ficou assinalado na História pelas violentas convulsões religiosas — a Reforma obriga a Igreja a um movimento de contra-Reforma, de reorganização, e daí a Congregação do Index, o Concílio de Trento e a Companhia de Jesus. Por ter convivido com notáveis figuras intelectuais europeias, entre as quais Erasmo, o famoso historiógrafo português, o clássico Damião de Góis caiu na suspeição do Santo Ofício. Diz Ramalho Ortigão que, nessa época, «a Igreja se apoderou da arte, como se apoderou de todo o trabalho da inteligência humana». E por isso teve Camões de submeter os LUSÍADAS à censura da Inquisição. O padre Bartolomeu Ferreira, que examinou o poema, concordou com a sua publicação, advertindo, porém, os leitores de que os deuses dos gentios, aproveitados pelo Poeta, eram somente para encarecer os feitos lusos: «Todavia como isto é poesia e fingimento, e o Autor, como Poeta, não pretende mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniência ir esta fábula dos Deuses na obra». Embora sob essa fiscalização, no momento em que o Concílio de Trento proibia terminantemente a interpretação livre das Escrituras, Camões vale-se desassombradamente dos textos sagrados! Estas pungentes expressões de Job, cheias do mais amargo pessimismo, reveladoras de uma alma lanceada de tormentos incriveis: «Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: foi concebido um homem! Converta-se aquele dia em trevas!», aproveitou-as magistralmente o Poeta para

externar o que lhe ia no íntimo, a dor que lhe carcomia o coração sensível, no seguinte soneto:

O dia em que nasci, morra e pereça,
 Não o queira jamais o tempo dar,
 Não torne mais ao mundo, e se tornar,
 Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se lhe escureça,
 Mostre o mundo sinais de se acabar,
 Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
 A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
 As lágrimas no rosto, a cor perdida,
 Cuidem que o mundo já se destruiu

O' gente temerosa, não te espantes,
 Que este dia deitou ao mundo a vida
 Mais desgraçada que jamais se viu!

No final de outro soneto «Verdade, Amor, Razão, Merecimento», já não encontramos este denso negrume, mas o sabor das encorajantes epístolas paulinas:

Cousas há aí que passam sem ser cridas,
 E cousas cridas há sem ser passadas,
 Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

E lá nas velhas páginas do Velho Testamento vai ele desenterrar costumes religiosos para realçar o amor sincero, desinteressado, que «não quer cordeiros, nem bezerras».

Perpassam, nos tercetos seguintes, várias figuras bíblicas, em graciosas comparações com os sentimentos amorosos do vate:

Bersabé, com seu prazer,
 A el-rei David cegou;
 E o vosso sol me matou.

Salomão, por adorar
 Uma mulher, se perdeu;
 E por vós me perdi eu.

Zacarias mudeceu
 Por um pouco duvidar;
 E eu, só por vos falar.

No primeiro terceto refere-se Camões a Betsabé filha de Elião, mulher de Urias, e não a Bersabé, nome

do poço que Abraão cavou no deserto. Houve, naturalmente, equívoco por parte do Poeta.

Quem há que não conheça o belo Salmo 136, do rei Davide, o nostálgico Salmo de um povo cativo, e que assim se inicia tão amargamente?: «Junto dos rios de Babilónia, ali nos assentámos e pusemos a chorar, lembrando-nos de Sião; nos salgueiros que há no meio dela penduramos nossas harpas; porque ali nos pediram os que nos levaram cativos palavras de canções?» E' ele motivo de uma das mais belas redondilhas, que tem por título «Sobolos rios que vão», consideradas por Agostinho de Campos como o Poema da Saudade, «da saudade encarada em toda a sua transcendência metafísica»:

Sobolos rios que vão
 Por Babilónia me achei,
 Onde sentado chorei
 As lembranças de Sião,
 E quanto nela passei.
 Ali o rio corrente
 De meus olhos foi manado,
 E tudo bem comparado,
 Babilónia ao mal presente,
 Sião ao tempo passado.

Aqui deixamos somente os primeiros versos, classificados como divinos pela crítica, e considerado o poema «um dos mais belos de Camões, e dos melhores de todos os tempos e literaturas», certos de que os que não conhecem essas harmoniosas e profundas redondilhas, procurarão lê-las e senti-las, prestando assim a sua homenagem a esse grande coração luso, que com tanto engenho e arte criou maravilhas tantas! Este Salmo de Davide impressionou de tal maneira o Poeta, que o levou a relebrá-lo noutros passos: «Cá nesta Babilónia, donde mana — Matéria a quanto mal o mundo cria».

Novos acordes tirou ele da harpa hebraica, ao cantar:

Na ribeira do Eufrates assentado,
 Discorrendo me achei pela memória
 Aquele breve bem, aquela glória,
 Que em ti, doce Sião, tinha passado.

E daquele diamante embutido no Génesis, que é a história do amor de Jacó à sua prima co-irmã, Raquel, formosa à vista e de gentil presença, por quem ele serviu a seu tio durante sete longos anos, e fora rasteiramente enganado, porque lhe deram Lia, a dos olhos ramelosos, em vez da sua amada — bruniu Camões a mais bela jóia da ourivesaria poética:

Sete anos, de pastor, Jacob servia...

famoso soneto tão estupendamente rematado por aquele...

... mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

O que havia de mais belo nessa história está geralmente encerrado nesses versos imortais. Mas a Bíblia, na sua rudeza de relatar pormenorizadamente os factos, de não encobrir a verdade, não nos esconde também que Lia era a que gerava filhos a Jacó, enquanto Raquel continuava tristemente estéril, o que a fazia ralar de inveja, havendo mesmo, entre os esposos, por causa disso, azeda altercação, a tal ponto que obrigou a Jacó dar-lhe ríspida resposta: — «Acaso estou eu em lugar de Deus, que te privou do fruto do teu ventre?»

Entretanto o soneto camoniano se encerra com aquelas enamoradas palavras de Jacó:

... mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

II — Na Épica

E' nesse monumento da erudição humana — OS LUSÍADAS — que sobressai a vasta cultura de Camões. Mas não bastava isso, pois «para cantar condignamente as armas e os barões assinalados era preciso ter, além de um grande saber clássico, como muito bem observou Carolina Michaëlis de Vasconcelos, engenheiro ardente, fúria sonora, a longa experiência pessoal», isto é, um saber de experiência feito. Frequentando a Universidade do Convento de Santa

Rosa, onde seu tio, Frei Bento de Camões era bibliotecário, naturalmente ali, no convívio dos livros, a sua inteligência se aprofundou em todos os conhecimentos humanos, com esse «dom raro de assimilar a cultura do seu tempo», segundo Fidelino de Figueiredo.

Guiado por seu tio nos variados meandros da sabedoria, não lhe podia escapar o estudo dos textos bíblicos. E desses estudos, do seu conhecimento da história sagrada, deixou nele refulgentes rastros, tanto na lírica como na épica! Aquela cena da passagem do Mar Vermelho, da empolgante descrição do Êxodo, quando Moisés conduzia seu povo, em atropelada fuga da perseguição faraónica, calou fundo no Poeta:

Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas eritreias. (VI, 81)

Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou. (IV, 63)

Lá no seio eritreu... (IX, 2)

Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Moisés na antiga idade. (X, 98)

E vereis o mar roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo de enfiado. (II, 99)

No poema, ora o Mar Vermelho surge sob o nome de ondas ou águas Eritreas, ora de mar roxo; o primeiro, de origem grega — *Erythra Thalassa* (mar vermelho), e o segundo, de procedência hebraica — *Yam suph*, que quer dizer mar dos lírios roxos.

Um feixe de factos bíblicos nos trazem à memória estes versos do canto III:

Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem a tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Faraó, Siquem por Dina.

Camões cita aí vários exemplos de amores pecaminosos, relatados nas Escrituras: Primeiramente, o de Davide por Betsabé, mulher de Urias, valente soldado de seu exército, morto na guerra, por repelente traição de seu rei, que coroou a obra casando-se com quem havia cometido o adultério. Depois, Davide enrodilhou-se todo em arrependimento, entoando o

Salmos 50: «Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia; e segundo as muitas mostras de tua clemência, apaga a minha maldade. Lava-me mais e mais da minha iniquidade, e purifica-me de meu pecado». Logo em seguida o de Siquem, filho de Hemor, que raptou a filha de Jacó, sendo morto pelos irmãos de Dina, e a sua gente destruída; e ainda o de Faraó por Sara, quando Abraão esteve no Egípto, ao fazê-la passar por sua irmã, sobrevivendo, por isso, grandes pragas àquela terra. Faraó, cheio de temor, interroga Abraão: «Que é isto que fizeste? porque não me disseste que ela era tua mulher?»

E' ainda a Davide, ao seu grande feito, enfrentando o gigante Golias que temivelmente desafiava o exército de Saúl, que aludem alguns versos do canto III:

Qual o membrudo e bárbaro gigante,
Do rei Saúl, com causa, tão temido,
Vendo o Pastor inérme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana.

Os quatro impérios, os grandes impérios do sonho de Nabucodonosor, estão discriminados na estrofe 24 do Canto I:

De Assírios, Persas, Gregos e Romanos

Jamais esqueceremos os versos finais do Canto primeiro, tantas verdades neles se contêm. E quem notaria neles, entre a força descritiva e a exibição da nossa pequenês, onde cabe tamanha vaidade, boa parcela de influência bíblica?

No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

E essa influência é o arguto professor Otoniel Mota quem acertadamente no-la aponta: «Os comenta-

dores se esquecem de que andam ali dois versos da Bíblia: «Quanto menos o homem, que é podridão, e o filho do homem, que é um bichinho?» (Job, XXV, 6). — «Mas eu sou bichinho e não homem» (Ps., XXI, 7).

Eloquente, admirável, muito humana a súplica de Vasco da Gama quando,

Confuso de temor, da vida incerto

eleva a sua voz a Deus, nestes versos do Canto VI:

Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os Céus, o Mar, a Terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste, co'os filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo.

Vasco da Gama, nestes passos dos Lusíadas, robustece a sua fé com a recordação de factos bíblicos: a passagem do Mar Vermelho, que abre alas para a fugida do povo, sob as iras de Faraó; o milagroso salvamento de Paulo, quando o navio que o conduzia a Roma apanhou forte tempestade; e, por último, a figura de Noé, como segundo povoador da terra.

Não só no Velho Testamento desentranhou Camões belíssimas ilustrações; os Evangelhos também lhe deram farta messe. Do encontro de Cristo com a Samaritana, no poço de Jacó, relatado por S. João, infere-se, de uma simples interrogação, todo o drama desses dois povos: judaico e samaritano — «Como sendo tu judeu me pedes de beber, a mim que sou mulher samaritana?» — que é ressaltado no Canto VII, 39:

Desta sorte o judaico povo' antigo
Não tocava na gente de Samária.

Quem poderia falar mais poéticamente do baptismo de Cristo do que Camões?:

E do Jordão a areia tinha vista
Que viu Deus a carne em si lavada?

Existem, por certo, no poema, muitas e muitas outras referências bíblicas; mas, o que aqui fica dá uma mostra das muitas facetas dessa vida gloriosa, tão es-

tudada e sempre deixando margem para novos e longos estudos. Nos versos citados, eleva-se diante de nossos olhos, toma proporções fulgurantes esse cristão que foi Camões, homem de fé, cheio de amor da Pátria, duas virtudes tão necessárias hodiernamente, nesta época em que a moral encontra minguada guarida, e em que a falta de escrúpulos se aloja règiamente em vastos palácios. Urge, neste momento angustioso, que nos voltemos para Camões, para esse génio profético, cujos versos ainda nos servem de norte:

Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sàbiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?

(II, 30).

S. Paulo. Brasil.

SEBASTIÃO DA ROCHA LIMA

Da Ass. Brasileira de Escritores.